

## A INVENÇÃO DE UMA TRADIÇÃO: “A ESCOLA DOS ANNALES”<sup>1</sup>

Diogo da Silva Roiz<sup>2</sup>  
Jonas Rafael dos Santos<sup>3</sup>

**RESUMO:** Preocupa-se, neste artigo, com o estudo da construção de uma tradição inventada, a “Escola dos *Annales*”, na França, por meio das estratégias de manutenção de uma hegemonia historiográfica, com aqueles que ficaram conhecidos como a terceira geração do grupo nos anos 1970 e 80.

**PALAVRAS-CHAVE:** Revista *Annales*; Escola dos *Annales*; relato fundador; historiografia francesa.

**ABSTRACT:** It Worries, in this article, with the study of the construction of one invented tradition, 'Annales School', in France, by the maintenance strategies of a historiographical hegemony, with the ones that they were known as the third generation of the group in the 70ths and 80ths.

**KEY WORDS:** *Annales* Magazine; School of the *Annales*; founder report; French historiography.

Propõe-se a estudar, neste artigo, a possibilidade de elaboração de um relato sobre a história do surgimento da revista *Annales* (que ao longo dos anos agrupou diversos intelectuais franceses, como também de outras nacionalidades), nas décadas de 1970 e 1980, fundamentalmente, pela 'terceira geração' do grupo [1968/9-1988(?)]. Para justificar um projeto historiográfico proposto depois da década de 1960 e contrapor críticas à 'Nova História' francesa, na medida em que se buscava, com àquele relato fundador, construir uma possível identidade para o grupo, ao redor da revista *Annales*, em todas as suas fases.

<sup>1</sup> Este texto é uma versão reformulada de parte do primeiro capítulo de uma pesquisa concluída no final de 2003. Foi elaborada entre 1998 e 2002, e se originou no Programa Especial de Treinamento (PET) do curso de História da Unesp, Campus de Franca. A pesquisa foi orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aparecida da Glória Aissar. O texto completo é intitulado: *A recepção da “Escola dos Annales” no Estado de São Paulo: da FFCL\USP a FHDSS\UNESP*. Partes da pesquisa já foram publicadas sob a forma de artigos.

<sup>2</sup> Mestre pelo programa de pós-graduação em História da Unesp, Campus de Franca, com financiamento da CAPES. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambá. E-mail: diogors@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Mestre e Doutor pelo programa de pós-graduação em História da Unesp, Campus de Franca, com financiamento da CAPES. Professor da Rede Pública Municipal de Campinas/SP. E-mail: jrafsantos@yahoo.com.br

A revista *Annales* foi fundada, em janeiro de 1929, por dois historiadores que despontavam no campo dos estudos históricos, na universidade de Estrasburgo. No período a instituição incorporava um grupo de cientistas sociais, que anos depois seriam inovadores em suas áreas de pesquisa. Não foi nos primeiros números que a revista havia sido notada internacionalmente, mas a partir deles que o projeto do grupo despontava como crítica direta, e alternativa possível, à “Escola metódica” na França (CAIRE-JABINET, 2003). Com os desdobramentos dos conflitos gerados pelas guerras mundiais ocorridas nas primeiras décadas do século XX e as transformações do cenário político e econômico mundial, que as críticas levantadas, a partir da revista (pelo então movimento gerado pela *Annales*), passariam a ser reconhecidas, pelos historiadores franceses e de outros países. E as inovações da revista e o projeto do grupo viriam a servir de inspiração em outras iniciativas. Na década de 1940, com a criação da IV seção de estudos históricos (posteriormente transformada em VI seção) da *Escola Prática de Altos Estudos*, de Paris, o movimento inseria-se institucionalmente na França, começando a ser denominado como uma 'escola' (HUNT, 1992: 1-11).

Quando a revista *Annales* foi fundada, Marc Bloch e Lucien Febvre já haviam absorvido parte do debate que ocorria nas primeiras décadas do século XX, e estavam lecionando na Universidade de Estrasburgo. M. Bloch havia passado por universidades francesas e alemãs (entre 1908 e 1910) e se familiarizava com os métodos da lingüística e da sociologia, além de publicar textos e artigos. L. Febvre se familiarizava com as discussões da época e desenvolvia a sua crítica contra a 'história dos vencidos de 1870'. Embora ambos pretendessem constituir carreira acadêmica nas principais universidades francesas, somente em 1933 L. Febvre conseguia uma vaga no *Collège de France*, e em 1936, M. Bloch alcançava uma vaga na Sorbonne. Enquanto M. Bloch recebia a influência dos *Anais de Sociologia* e de E. Durkheim, L. Febvre a recebia da *Revista de Síntese Histórica* e de H. Berr (REIS, 2000: 65-90). Assim, enquanto M. Bloch enfatizava em sua análise, a estrutura sobre os eventos - como exemplo se poderia mencionar *A sociedade feudal* (elaborada entre 1930 e 1940) -, L. Febvre enfatizava a análise estrutural de uma época, a partir de acontecimentos ou personagens, tal como fez em *Martín Luter, um destino* (de 1928) e em *O problema do anacronismo no século XVI: a religião de Rabelais* (de 1942). Mas foi com *Apologia da História ou o ofício de historiador*, obra póstuma e inacabada, publicada originalmente em 1949, que Marc Bloch se expressou de forma

sistemática sobre os limites e os campos da pesquisa histórica. Enquanto, numa outra base, Lucien Febvre reuniu parte dos artigos e resenhas que publicou nos primeiros anos do periódico, sob o título *Combates pela história* (de 1953), com o qual demonstrava sua insatisfação em relação aos estudos históricos produzidos, particularmente na França, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Em especial, aqueles elaborados pela historiografia (que de modo genérico se denominava) positivista<sup>1</sup>.

Na história do movimento, embora repudiassem a história dos acontecimentos, voltada aos eventos políticos e construída, em parte, pela 'escola histórica alemã' e pela 'escola metódica francesa', não deixaram de aproveitar daquelas as suas contribuições à pesquisa histórica, ao refazerem diagnósticos e interpretações sobre fontes 'oficiais', e abrirem caminho para o estudo e a interpretação de fontes, até aquele momento, não incorporadas ao *corpus documental* do historiador (BOURDÉ & MARTIN, 1983). É sabido que as críticas sobre os metódicos (REIS, 1999) transparecem melhor do que as contribuições que deixaram, porque para se colocarem como uma alternativa no estudo das sociedades passadas, os *Annales* acabaram por silenciar o que de profícuo foi feito pela historiografia oitocentista (BOUTIER & JULIA, 1998; SILVA, 2001). Se por um lado, a historiografia 'positivista' fora repudiada pelos *Annales* (ainda que não de forma completa) e seus elos sejam pouco visíveis num primeiro olhar, as relações, entre a historiografia francesa, em especial à dos *Annales*, e o marxismo, aparecem também como amistosas. Marx e o marxismo sempre foram heranças difíceis de serem incorporadas nas universidades francesas. Mesmo trazendo questionamentos sobre as formas de se estudar as sociedades passadas da maneira como os metódicos (e positivistas) as haviam pesquisado, por trazerem junto ao seu suporte metodológico

<sup>1</sup> Segundo José Carlos Reis (1994), a História sob a influência das Ciências Sociais produziu uma terceira revolução na compreensão do tempo histórico. A primeira havia sido feita pela cristandade ocidental, ao criticarem a concepção circular dos gregos e delimitarem linearmente a interpretação do tempo, com um passado e um futuro organizados segundo um projeto político, fundamentado numa filosofia da história. A segunda foi produzida pelos filósofos iluministas, no século XVIII, ao criticarem a religião e a fé e secularizarem a sua concepção, embora tivessem mantido uma interpretação linear do tempo, na compreensão que faziam do progresso material. No início do século XX, houve uma terceira revolução na interpretação do tempo histórico, produzida sistematicamente pelo grupo dos *Annales*, ao criticarem a abordagem 'acontecimental' e a postura das 'filosofias da história' (por projetarem perspectivas teleológicas), com uma abordagem estrutural dos acontecimentos, a partir de uma história problema, que recebia influências e mantinha intercâmbios com as Ciências Sociais.

um projeto político de transformação social, o marxismo também foi, por isso, criticado pelos *Annales* (LOPES, 2002; CHAUVEAU & TÉTARD, 1999).

Nesse sentido, L. Febvre, que firmou seus combates contra a história metódica, embora continuasse a pesquisar seus temas, mas sob outra ótica, junto com M. Bloch, que desenvolveu uma abordagem mais estrutural e criticou as concepções sobre a história da época, inovaram com algumas teses: a “história-problema”, a “história total”, a “interdisciplinaridade”, o “alargamento do campo das fontes históricas” e o “fato histórico como construção teórica” (REIS, 2000: 73-85). Por meio das contribuições que receberam das Ciências Sociais, junto com outros integrantes do grupo nesse período, desenvolveram áreas como a história econômica, a história social e a geo-história, que igualmente estavam sendo desenvolvidas em outros países. Nesse momento, eram elaboradas diversas teses na França, por meio de monografias regionais, em que as principais fontes pesquisadas foram: documentos pessoais e correspondências, censos populacionais, registros paroquiais, fontes literárias. Foi a época das grandes coleções sobre a história das civilizações, na França. Sendo nas décadas de 1950 e 1960, proliferadas com as coleções de história social. Esse foi o momento em que os fundadores da revista buscavam firmar novos campos de pesquisa e ocupar postos de comando dentro dos meios universitários franceses, ainda dominados pelos metódicos (BURKE, 2002). Nos anos 1930 a revista *Annales*, de Estrasburgo passa para Paris. No entanto, os “*Annales* mudam porque em torno deles tudo muda também: os homens e as coisas; em uma palavra, o mundo. Já o de [19]38 não era mais o de [19]29” (MOTA, 1978: 174).

Dentro desse contexto social que surgiu o pensamento de Fernand Braudel, ao buscar sintetizar as abordagens de L. Febvre e M. Bloch e desenvolver teoricamente uma interpretação do tempo histórico, expressando-se de forma sistemática no artigo 'História e Ciências Sociais: a longa duração' de 1958 (REIS, 1994).

Em 1958, com o nascimento da Quinta República, pode-se até falar de uma verdadeira política das ciências sociais rumo à institucionalização. Esse impulso representa um novo desafio para os historiadores (...) ao qual será preciso responder tanto no plano institucional, em que a concorrência é acerbada, quanto no teórico, para mostrar a capacidade de adaptação da escrita histórica (DOSSE, 2001: 23).

Sobre a época, assim se expressou Fernand Braudel:

Em 1958 (...) expliquei-me minuciosamente nos *Annales* sobre a longa duração (...) E não foi naquele ano que percebi a importância da *longa duração*, a qual, se quiserem, descobri ou encontrei em meu caminho. Eu queria apenas, nessa época distante [da década de 1950 e de 1982/3, quando escreveu o texto], depois do desaparecimento de Lucien Febvre (...), orientar com certo vigor a revista *Annales* numa nova direção, pois esta revista pretende estar, por vocação, na vanguarda da pesquisa e da mudança, qualquer que seja o preço a pagar, o objeto ou o setor a escolher, o erro a afrontar. Uma revista assim está condenada a evoluir, a mudar. Orientei-a, portanto, para a longa duração, que tanto Marc Bloch como Lucien Febvre não haviam privilegiado ou posto em evidência até então. No entanto, ela se inseria virtualmente na linha de pensamento de ambos, não obstante suas afirmações em contrário (BRAUDEL, 2002: 368-69).

Ele se forma em meio às influências de acontecimentos como as duas guerras mundiais, e de sua experiência com a História Africana e da América do Sul. Com ele os *Annales* avançam em seus combates, que se desdobrariam pela economia, sociologia e antropologia. “Mas parece-me que Braudel encerrou (...) uma fase da escola dos *Annales* ainda ligada às velhas tradições e às velhas estruturas universitárias” (LE GOFF, 1989: 215). Com ele o grupo obteve uma expansão pelas universidades e pelas áreas da história serial, da história quantitativa e da história econômica. A história imóvel, nesse período, era pouco comentada, desenvolvendo-se, essencialmente, na fase seguinte do grupo. “Com a era F. Braudel, ocorre também a evolução para uma história cada vez mais imóvel [ainda que a dinâmica dos tempos curto, médio e longo fosse a base das expectativas a serem atingidas nas pesquisas, sob um viés econômico, mais até, talvez, do que social]. Ela rompe, portanto, com a concepção da primeira geração de uma história-ciência da transformação” (DOSSE, 2001: 22). Nessas áreas abria-se a oportunidade de análises que visavam pesquisar sistematicamente fontes: cartoriais (inventários, testamentos, nascimentos, casamentos, impostos, livros de abertura de firmas), correspondências, censos populacionais, registros paroquiais como: registros de nascimento, casamento e morte, além de um retorno aos documentos oficiais sobre novas perspectivas de análise (CARDOSO & VAINFAS, 1997).

Entretanto, na década de 1960 e 70, em função do movimento estudantil de 'Maio de 1968', do estudo das obras de Sigmund Freud (que resultaram nas análises de Lacan, Deleuze e Derrida) e da expansão do estruturalismo (com Althusser, Passeron, Nicos Poulantzas, e que

culminou na obra crítica de Michel Foucault), houve uma revisão sobre àquelas orientações (FERRY & RENAULT, 1988).

A agitação intelectual dos anos 1970, no campo da historiografia, é fruto também do desconforto provocado pelas práticas políticas do mundo socialista, cujos vícios e impasses colocaram em discussão a mais bem-sucedida teoria global da história, o marxismo, que marca profundamente o mundo intelectual francês desde a primeira metade do século. No campo dos estudos históricos, é nítida a influência da reflexão marxiana, mesmo em territórios não filiados a essa proposta, como o grupo dos *Annales*. São inúmeros os estudos que mostram a aproximação entre o marxismo e as metamorfoses da historiografia francesa a partir da ruptura com a escola chamada positivista. Porém, os sinais mais nítidos dessa aproximação estão nas próprias obras produzidas pelos *Annales*: a hegemonia da abordagem econômico-social na primeira e segunda gerações, a busca insistente da história total, a explicação estrutural como condição indispensável à exploração de qualquer objeto de investigação. Essas posturas e esses procedimentos metodológicos não podem ser desvinculados da atmosfera marxiana que impregnava, direta ou indiretamente, a formação dos intelectuais franceses (D'ALÉSSIO, 1998: 15-6).

Da análise sobre as fontes quantitativas, estudadas até aquele período sobre padrões sociais e econômicos, passou-se a dar maior preferência aos estudos de longa duração de modo a perceber a psicologia social, a mentalidade e o imaginário de sociedades passadas (TÉTARD, 2000). Destacando-se, nesse sentido, as atitudes culturais, mais que os quadros sócio-econômicos.

A nova tarefa do historiador já não consistirá em ressaltar as acelerações e mutações da história, mas sim os agentes de reprodução que permitem a repetição idêntica dos equilíbrios existentes (...) História se escreve agora no plural e sem maiúscula: ela renuncia a realizar um programa de síntese para melhor se desdobrar com vistas aos múltiplos objetos que se oferecem a seu olhar sem limites (DOSSE, 2001: 26-9).

Se no período de 1929 a 1946, e no de 1946 a 1968, tal perspectiva não fazia parte da maioria dos trabalhos publicados (e no corpo central das orientações do grupo), a partir do final dos anos 60, um grande número de pesquisas, foram desenvolvidas sob a perspectiva de estudo das mentalidades e do imaginário das sociedades passadas (LE GOFF, 1998).

Embora a maior parte desses trabalhos estudasse a cristandade ocidental na época medieval, houve trabalhos que pesquisaram o

desdobramento daquelas mentalidades nos séculos XVI, XVII e XVIII, como foi o caso das obras de Robert Mandrou e Phillipe Ariès, pioneiras na recuperação do estudo das mentalidades de sociedades passadas, nos anos 1950 e 1960 na França, porque inspiraram uma retomada em diversas pesquisas sobre essa linha de estudos históricos que haviam sido anteriormente produzidos por Marc Bloch e Lucien Febvre, ainda que sob perspectivas distintas (GURIEVITCH, 2003). Nos anos 1960 e 70, os estudos sobre a história das mentalidades e a história do imaginário social contribuíram no desenvolvimento de metodologias de pesquisa, com novos padrões de análise sobre as fontes quantitativas, seriais, demográficas, fundamentalmente produzidas em cartórios e paróquias. Nessa fase muitos trabalhos se baseavam e desenvolviam metodologias para a história oral (VAINFAS, 2002: 13-51). Embora nesse período a revista não possuísse mais uma direção centralizadora, mas sim colegiada, o grupo teve grande repercussão na mídia e com o público francês e de outros países.

Para Rogério Forastieri da Silva (2001), ao mesmo tempo em que, muitas vezes, não ocorria um debate, no campo historiográfico internacional entre grupos franceses, alemães, italianos, norte-americanos e ingleses, algumas vezes até se desconhecendo uns aos outros, o sucesso atingido pelas primeiras fases da revista *Annales* fez com que, *grosso modo*, a terceira geração do grupo construísse um relato pertinente aos seus objetivos, tanto que os justificassem dentro e fora da França.

Assim, levanta-se a possibilidade de fabricação de uma imagem na década de 1970 sobre os *Annales* que viria a constituir-se como uma tradição. Destarte, conforme havia dito Eric Hobsbawm, na introdução do livro: *A invenção das Tradições*, “muitas vezes 'tradições' que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas”. Assim:

... por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (...). Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições 'inventadas' caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória (HOBSBAWM, 1997: 9-10).

Para este, a invenção de uma tradição, que envolve a elaboração de práticas e de um relato fundador que se repita no tempo, ocorre, fundamentalmente, quando os atores sociais que fazem parte deste relato fundador deixam de desempenhar as suas funções. Segundo Ângela Alonso:

É da natureza dos movimentos intelectuais e políticos inventarem rótulos de identidade, como estratégia de diferenciação, bem como uma tradição, um panteão de heróis e obras de legitimação de suas posições, especialmente em períodos de mudança social (ALONSO, 2002: 32).

Os movimentos intelectuais e políticos, portanto, ou inventam uma tradição por meio de um repertório discursivo que os diferenciem de outros grupos, ao mesmo tempo em que delineiam uma pretendida originalidade teórica e prática, com obras e manifestos de seus atores sociais originários, ou elaboram retrospectivamente uma tradição discursiva como forma de definir campos de atuação, em meio às obras e autores das fases iniciais do movimento, para os quais se preocupam em situar objetivos paralelos, com base numa identidade comum.

Embora houvesse, no início do século XX, movimentos intelectuais propondo renovações no campo da pesquisa histórica em vários países, tanto dentro como fora das universidades, costuma-se verificar (no Brasil e em outros países), preferencialmente, aquelas proporcionadas pela historiografia francesa. Para tanto, ressalta-se que a *Nouvelle Histoire*, isto é, a História sob a influência das Ciências Sociais foi uma criação francesa, fundamentalmente desenvolvida, a partir da fundação da revista *Annales*, em 1929, por Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956), mediante uma inovação quanto ao conceito de tempo histórico (REIS, 1996; WALLERSTAIN, 1996).

O projeto original de uma *nouvelle histoire* não partiu de historiadores, mas de sociólogos durkheimianos. Ao adotarem o ponto de vista desses sociólogos, traduzindo-os para o discurso histórico, os historiadores dos *Annales* romperam com a influência até então predominante da filosofia sobre a história (REIS, 2000: 37).

Antes destes haveriam discussões, principalmente efetuadas entre sociólogos e antropólogos, sobre as formas como deveriam ser interpretadas as sociedades e os homens no tempo. Todavia, supõe-se que foi com àqueles pesquisadores, fundadores e colaboradores da revista *Annales*, que os estudos históricos efetivamente teriam sido repensados, e em função disso abertas possibilidades de 'novas' leituras sobre o passado. Para estes, a concepção iluminista sobre o tempo

histórico, no século XVIII, e sua recepção no século XIX pelas principais “escolas históricas” do período: o marxismo, o positivismo e o historicismo viram as sociedades e os homens apenas enquanto sujeitos históricos (REIS, 1999). Elas se limitariam a perceber as ações humanas na dinâmica do processo histórico, sem com isso notarem a possibilidade de verificar naqueles atores sociais, objetos de pesquisa.

A matriz da revolução historiográfica surgida com a revista dos *Annales* foi (...) a elaboração de uma nova concepção de tempo histórico. A história tradicional foi questionada no momento em que o tempo curto, por ela praticado, foi considerado insuficiente para a explicação da experiência coletiva dos homens. Os fundadores da revista e seus seguidores tomaram essa questão como o grande tema da história e seus ecos perduraram durante décadas (D'ALÉSSIO, 1994: 129-30).

Entretanto, a revolução historiográfica conduzida a partir de uma 'nova' concepção de tempo histórico, não manteve apenas continuidades entre os membros das várias fases do movimento, mas houve também redirecionamentos sobre a interpretação do tempo. A interpretação do tempo histórico de Lucien Febvre, inaugurada entre as décadas de 1920 e 1930, não foi a mesma de Fernand Braudel, desenvolvida nos anos 40 e 50, e que não foi a mesma de Emmanuel L. R. Ladurie, construída nos anos 60 (REIS, 1994).

Se ainda hoje se ressalta os méritos do grupo em torno da revista *Annales*, que surgiu naquele contexto, foi, em parte, pelo sucesso que obtiveram depois da segunda guerra mundial, em função do conjunto de métodos, problemas e fontes propostas ao campo de pesquisa histórica, quando renovaram intercâmbios entre a História e as Ciências Sociais, por meio de inovações à interpretação do tempo histórico (REIS, 2000: 29). De uma abordagem 'acontecimental', voltada para os fatos que irrompem em curto espaço de tempo, antes praticada para estudar homens (que ocupavam funções de destaque nas instituições que circunscreviam o Estado) e sociedades, passou-se a rastrear movimentos duradouros, por meio de uma abordagem estrutural (REIS, 2003). Por esse e outros motivos foram posteriormente interpretados como uma das grandes contribuições, na época, para a pesquisa histórica. Todavia, se as contribuições que envolvem a “Escola dos *Annales*” em suas diversas fases é notoriamente observada, os motivos que levaram a elaboração de um discurso fundador sobre a história dos *Annales* foi ainda muito pouco questionado (SILVA, 2001).

Em função da organização institucional e do sucesso alcançado pelos fundadores da revista, na sua fase do pós-guerra, que houve a

elaboração de um relato fundador sobre a história dos *Annales*, principalmente, por parte da terceira geração do grupo. Tal relato indicava que a 'Nova História' seria uma criação, essencialmente, francesa, uma vez que sua expansão estaria fortemente vinculada com os projetos do grupo desde a fundação do periódico (DOSSE, 2001; 2003). No entanto, os desdobramentos da 'Nova História' vieram a demonstrar que a sua história estava comprometida com um determinado relato da história geral da historiografia no qual os elos importantes seriam: da 'história positivista' à 'escola dos *Annales*' e em direção a 'Nova História' (SILVA, 2001).

Para Carlos Antonio Aguirre Rojas:

... mas allá de la continuidad *formal* que se establece a partir de la publicación periódica u regular de la revista, durante casi toda su existencia, existen sin embargo claras divergencias en torno a los sucesivos *proyectos intelectuales* que la han animado, y que dándole vida y continuidad, la han utilizado al mismo tiempo como foro de proyección y como mecanismo de vinculación y de debate con el medio académico exterior (AGUIRRE ROJAS, 1995: 18).

De fato, segundo Daniel Roche (PALLARES-BURKE, 2000: 153-85), a 'Escola dos *Annales*' não era uma realidade, mas uma fabricação dos anos 80, pois, até meados da década de 1970 não era assim designada.

Havia, certamente, um movimento ao redor da revista, porém, não era uma escola; ou seja, não havia uma vontade de definir objetivos muito precisos, mas, ao contrário, uma grande abertura, sendo a principal a abertura para as ciências sociais. Ora, tal abertura era muito diferente da que caracterizava os estudos históricos que se faziam a essa época na Sorbonne, onde havia grandes mestres representativos da tradição erudita, letrada, positiva... (2000: 158).

Provavelmente, apenas na década de 1970, que se inauguraria, na França, por meio de projetos-manifestos a 'Nova História', sob a direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora, culminando com a organização, em três volumes, da obra: *Fazer História*, traduzida para o português (no Brasil), simplesmente, como *História*, com os subtítulos: novos problemas, novos objetos, novas abordagens. "Se nos autores ou no espírito da obra freqüentemente for encontrada a marca da pretensa escola das *Annales*, isso se deve ao fato de a nova história ser bastante devedora a Marc Bloch, a Lucien Febvre, a Fernand Braudel a todos os que continuam a inovação por eles iniciada" (LE GOFF & NORA, 1976: 11). "A elaboração desses três volumes (...) passou a história dos

*Annales* para um público mais amplo (...). Não bastava fornecer uma imagem da disciplina tal como ela era; era preciso pensar em que ela estava prestes a tornar-se” (LE GOFF, 1989: 222). Naquela coletânea participaram 33 pesquisadores, sendo 30 dos quais parisienses, apenas um provinciano, ainda que este se trate, nesta época, de Paul Veyne, que viria ser professor do *Collège de France* e dois estrangeiros, Jean Starobinski (professor em Genebra) e H. Zerener (professor em Harvard). Entre os pesquisadores franceses, 11 estavam na VI seção da Escola Prática de Autos Estudos, então administrada por Jacques Le Goff (substituindo a Fernand Braudel, que alguns anos antes havia solicitado a sua aposentadoria), outros 12 vinham das diferentes universidades parisienses, que surgiram da fragmentação que se iniciava com o turbilhão de acontecimentos que envolveram o movimento estudantil em Paris no ano de 1968, sendo que: de Paris - I vieram 4 pesquisadores; de Paris - IV, 2; de Paris - VII, 3; de Paris - VIII, 3. Houve ainda aqueles que estavam em instituições de pesquisa, muito respeitadas, como: do *Collège de France*, 3; do CNRS outros 3 e do Instituto de Estudos Políticos mais 1 pesquisador. A maioria estava na faixa de 35 a 40 anos de idade (BOUTIER & JULIA, 1998: 21-61).

No conjunto eram jovens pesquisadores, alguns já consagrados (em suas áreas de pesquisa) dentro e fora da França, mas nem por isso aquele elenco de intelectuais estava completo, seja por parte daqueles que contribuía diretamente com o periódico, seja entre os que estavam inovando campos da pesquisa histórica. A ausência de Fernand Braudel, embora muito notada no período, talvez se explique pela alteração de projetos no direcionamento do periódico, ruptura de projetos então efetuada por aqueles que assumiram a administração da VI seção da dita Escola Prática de Autos Estudos e da revista *Annales*. Por outro lado, Pierre Vilar, encontrava-se entre aqueles que faziam parte de um elenco de intelectuais que estavam na faixa dos 50 aos 60 anos de idade e defendiam posições políticas e metodológicas distintas - como neste autor eminentemente marxista - do conjunto de pesquisadores que compunham a obra coletiva *Fazer História*. De fato, este autor, assim interpretou o grupo:

A palavra 'Escola' parece significar que há uma doutrina ensinada e imposta por mestres. Ora, não foi, de forma alguma, o que se passou em torno da revista dos *Annales*. Essa revista simplesmente pediu aos historiadores - dentro do espírito da síntese histórica, já inaugurado no início do século [XX] - que se ocupassem das sociedades em geral, tanto de suas bases materiais quanto de seu coroamento intelectual, sentimental e ideológico, e que olhassem se existem,

entre esses três níveis, relações a estabelecer, problemas a resolver. Jamais uma recomendação foi feita pelos *Annales* para que se tratasse dessa ou daquela maneira um problema colocado. Havia, é verdade, grandes mestres (...) Ocorre que os *Annales* foram conhecidos, sobretudo, por suas exclusões (...) Houve, portanto, um espírito dos *Annales*, mais que uma escola; e, sobretudo, jamais existiram 'capelas' (...) Ou seja, esta abertura dos *Annales* a outras disciplinas fazia parte de suas características (...) Além disso, existe em torno da Escola dos *Annales* toda uma atmosfera ideológica que faz parte da história de nosso tempo (D'ALÉSSIO, 1998: 64-5).

Por fim, resta notar a ausência de autores como Maurice Agulhon, Michel Vovelle, Philippe Ariès e Alain Gerreau, que estavam abrindo campos, que nos anos subseqüentes se tornariam férteis à pesquisa histórica, e apenas nos anos 1980 foram incorporados ao movimento dos *Annales*.

Desde os anos 1970, pelo menos, que o hábito, de tempos em tempos, na França, de se voltar a História e a sua escrita (com vistas a propor quais os caminhos que se tornariam pertinentes ao pesquisador e quais procedimentos de análise das sociedades passadas deveriam ser revistas na pesquisa histórica), se tornou recorrente, como uma estratégia de constituição de um discurso historiográfico, em busca de hegemonia nos setores e lugares produtores de pesquisas históricas, dentro e fora da França, isto é, na própria história das historiografias internacionais (BÉRIDA, 1995; DOSSE, 2003).

Até então, a 'Nova História', como foi efetivada, era apenas uma expectativa e não um caminho a se chegar. Nos períodos anteriores os projetos foram distintos. Quando Fernando Braudel (1902-1985) dirigiu o periódico, entre 1956 e 1968, desenvolviam-se projetos junto ao grupo dos *Annales*, que viriam a possuir vínculos com a 'Nova História', mas eram essencialmente divergentes desta. Conforme disse o próprio Fernand Braudel nos anos 1970, sobre o movimento:

...apesar de sua vivacidade [os *Annales*], nunca constituíram uma escola, no sentido estrito, isto é, um sistema de pensamento fechado sobre si mesmo. Ao contrário. A senha de entrada é a paixão pela história, nada mais - porém é muito -, e, confundindo-se com essa paixão, igualmente a pesquisa de *todas* as suas novas possibilidades, a própria mudança da problemática segundo as necessidades e as lógicas do momento. Porque passado e presente mesclam-se inextricavelmente. Sobre esse ponto, todos os diretores sucessivos dos *Annales* estão de acordo (BRAUDEL, 2002: 30).

Por certo, esta não foi à primeira vez que Fernand Braudel analisou o grupo ao redor da revista *Annales*. Em 1957, logo após o

desaparecimento de Lucien Febvre da direção do periódico (ocorrido em 1956), Braudel faria o seguinte comentário no primeiro número da revista daquele ano:

En moins de trente ans de leur propre histoire, les Annales de Marc Bloch et de Lucien Febvre ont connu un essor et un reynonnement exceptionnels. Elles ont oussi connu d'exceptionnelles difficultés. La mort tragique de Mar Bloch en 1944; il y a quelques mois à peine, la mort brusque de Lucien Febvre. Mais les Annales se doivent de continuer (...) Ni Marc Bloch, ni Lucien Febvre n'ont en la volanté ou l'illusion d'avoir fondé une Ecole, avec ses formules et ses solutions (BRAUDEL, 1957: 1)<sup>2</sup>.

Naquele editorial intitulado '*Os Annales continuam*', F. Braudel falava das características dos *Annales* no tempo de Febvre e Bloch, e ressaltava que não tiveram a pretensão de limitar o movimento em uma escola. Para ele esta idéia foi, a princípio, supostamente elaborada com a fundação da IV (depois VI) seção da *Escola Prática de Autos Estudos*. Mas apenas retrospectivamente teria sido construída.

Entretanto, se a idéia de 'escola' para os *Annales* foi muito criticada, não foram poucos os autores que adotaram esta tradição discursiva para pensar o desenvolvimento do movimento ao redor da revista *Annales*, em suas diferentes fases, tanto na França como em outros países. Traian Stojanovitch (1976) foi um dos pioneiros a interpretar o grupo dos *Annales* enquanto um paradigma, caracterizando-o dentro do movimento geral da *nouvelle histoire*, na França, em quatro fases: a) de 1900 a 1920, cujo período foi caracterizado genericamente de fase de 'crise da consciência histórica', em que houve a criação de diversos periódicos, em muitas áreas do saber, e de expansão de debates nas Ciências Sociais, criticando-se procedimentos de pesquisa da 'escola histórica alemã' e da 'escola metódica francesa', principalmente nos *Anais de Geografia*, nos *Anais de Sociologia* e na *Revista de Síntese Histórica*; b) de 1929 a 1946, com a fundação da revista "*Annales de História Econômica e Social*" e dos combates travados por Marc Bloch e Lucien Febvre, junto com outros intelectuais daquele período, pois, muitos dos quais não fizeram parte do periódico recém inaugurado e nem por isso deixaram de trazer grandes contribuições à pesquisa histórica; c) de 1946 a 1968, com a

<sup>2</sup> Tradução: "Em meados de 1930, os *Annales* de Marc Bloch e de Lucien Febvre sofreram uma mudança excepcional. Eles também encontraram dificuldades excepcionais. A morte trágica de Marc Bloch em 1944; a morte brusca de Lucien Febvre [em 1956]. Mas os *Annales* continuaram se desenvolvendo... Nem Marc Bloch, nem Lucien Febvre tiveram a vontade ou a ilusão de fundar uma escola, com suas fórmulas e suas soluções."

expansão institucional, a partir da VI seção da Escola Prática de Autos Estudos e a denominação do periódico, agora como: “*Annales*. Economias, Sociedades, Civilizações”, tendo a sua frente Fernand Braudel na administração do periódico, e em instâncias universitárias. Segundo este autor o período posterior à saída de F. Braudel, junto aos acontecimentos de 'maio de 1968', na França, resultaram numa revisão das metas e orientações, até então, seguidas internamente pela revista.

Mesmo entre aqueles que herdaram a tradição historiográfica dos *Annales* mais diretamente, como foi o caso de Jacques Revel (1989, pp. 13-41), isso não o privou de ter uma visão crítica sobre o movimento. Quando, em 1979, publicou um artigo intitulado 'História e Ciências Sociais: os paradigmas dos *Annales*', a princípio uma crítica dirigida à interpretação de Stojanovich, procurava revelar as peculiaridades do movimento, aproveitando os ensejos da comemoração dos cinquenta anos de fundação da revista. Ressaltava a contribuição da Sociologia durkheimiana para o desenvolvimento das propostas do movimento na década de 1930, e demonstrava a variedade de procedimentos de pesquisa, então utilizados pelos membros do movimento. Já na década de 1990, em duas entrevistas concedidas a professores universitários do Brasil, assim se referiu sobre os *Annales*:

... a Escola dos *Annales* não é propriamente uma escola, mas ao mesmo tempo sei que há traços reconhecíveis em sua produção, que alias tem se transformado ao longo do tempo, renovando a sua agenda (...) Por outro lado, os *Annales* renovaram-se inúmeras vezes (...) o que não significa admitir uma falta de coerência. Diria que se trata de algo mais plástico, preocupada sempre em pensar as relações entre História e Ciências Sociais (...) No entanto, de uns 20 anos para cá, muitas coisas mudaram nos *Annales* e também, é claro, em torno da revista (...) Gostaria de começar dizendo (...) que não existe, no meu entender, 'a escola dos *Annales*', enquanto muitos utilizam esse modo cômodo de chamá-la. O movimento historiográfico fundado pela revista de Bloch e Febvre baseou-se em convicções gerais ambiciosas e, ao mesmo tempo, simples: por um lado, a de que a história é uma ciência social, o que não é evidente em muitas tradições historiográficas. E por outro lado, a de que as disciplinas que compõem as ciências sociais tendem a se cruzar, a se confrontar, a se enriquecer mutuamente (...) Os *Annales* não pararam de redefinir sua posição, ao mesmo tempo em função da evolução interna da disciplina-mãe, a história, e também porque as relações entre a história e as ciências sociais (...) mudaram (DAHER, 2001: 192-3 e 201-2).

Todavia, as reflexões desse autor, compõem uma análise retrospectiva sobre a recepção de um discurso construído nos anos 1970

e 80. Pois, a história escrita sobre os *Annales* pelos integrantes da 'terceira geração' do grupo e que, necessariamente, visava demonstrar o desenvolvimento de um pensamento que se desdobraria e ao mesmo tempo justificaria o projeto historiográfico do grupo, depois da década de 1960, foi também à base de um relato fundador, que atingiu um consenso relativo mesmo em parte significativa dos maiores críticos da 'Nova História' (SILVA, 2001).

Por outro lado, George G. Iggers (1988) caracterizou o movimento em duas fases: uma anterior a 1945, quando esteve em efervescência estudos com aspectos mais qualitativos, e um segundo momento, para o qual as pesquisas passaram a ter uma abordagem mais quantitativa, fundamentadas nos estudos de F. Braudel e E. Labrousse. Peter Burke (1997), ao estudar a história do movimento, dividiu-a em três períodos: a) de 1920 a 1945, quando ainda era pequeno e não ocupava a hegemonia no campo intelectual francês e seus projetos foram mais subversivos; b) um segundo, de 1946 a 1967, aproximadamente, quando de discurso subversivo passa a ser o hegemônico, do ataque aos metódicos (positivistas) franceses, que ocupavam os cargos de comando e do discurso vigente nas universidades e institutos de pesquisa na França, à defesa das críticas recebidas pelos remanescentes daquela concepção da pesquisa histórica, tanto quanto a de profissionais vindos da antropologia e das ciências sociais; c) e um terceiro momento que se iniciaria com os desdobramentos provocados pelos movimentos estudantis de 1968, nas universidades francesas (e em outros países), ao trazerem a tona 'novos sujeitos e fontes' a pesquisa e ao discurso historiográfico. André Burguière (1993: 49-55), ainda que não expressasse propriamente uma divisão no conjunto do movimento (embora tenha notado mudanças sucessivas entre seus atores principais, no comando administrativo e intelectual do grupo), vinculou-o a "escola dos *Annales*": a revista criada em 1929; a rede de intelectuais, colaboradores e simpatizantes, que se formou ao redor do periódico e se transformou, depois da Segunda Guerra Mundial, em instituição universitária, com a VI seção da Escola Prática de Autos Estudos em Paris; a concepção da história, nas suas exigências metodológicas, seus objetos e suas relações com as outras ciências do homem.

José Carlos Reis (2000: 91-146), a partir das contribuições dos autores mencionados acima, assim definiu as fases da 'Escola dos *Annales*': a) de 1929 a 1946, b) de 1946 a 1968; c) e de 1968 a 1988 [?], período sob a influência inicial do movimento estudantil de 'maio de 1968', que obrigou a reformulação da orientação da revista e a reorganização institucional. Contudo, vislumbrou também o período

que antecedeu a criação do periódico, como um momento de formação do 'espírito' dos *Annales*, do que se denominou, de forma genérica, como *nouvelle histoire* no campo intelectual francês e que, depois dos anos 1950, desdobrou-se em outros países sob a forma de uma 'Nova História'. Para ele, depois de 1988, houve redefinições quanto às fronteiras da interdisciplinaridade e uma revisão sobre os campos de pesquisa, que culminaram com a mudança no título do periódico para '*Annales. História, Ciências Sociais*', em 1994, mas esse momento do grupo ainda não estaria muito bem definido.

Embora ainda estejam pouco definidas as fronteiras de atuação dos *Annales*, para este período, os membros do grupo, dentre os quais, André Burguière, Jacques Le Goff e Jacques Revel, participantes do comitê de direção da revista, pontuaram, no editorial de 1994, entre os objetivos do periódico: a) o estudo de processos de construção do conhecimento e das relações sociais; b) e a análise do tempo atual. Foi Roger Chartier quem ofereceu um painel bastante coerente sobre o clima dos estudos históricos anos antes do redirecionamento da revista, com as seguintes palavras:

O editorial da primavera de 1988 da revista *Annales* conclamava os historiadores a uma reflexão a partir de uma dupla constatação (...) ele afirmava a existência de uma 'crise geral das ciências sociais', percebida no abandono dos sistemas globais de interpretação (...) o texto não aplicava à história a integralidade de um tal diagnóstico (...) A história era então vista como uma disciplina ainda sadia e vigorosa, atravessada, no entanto, por incertezas devido ao esgotamento de suas aliadas tradicionais (como a geografia, a etnologia, a sociologia) e ao apagamento das técnicas de tratamento como modos de inteligibilidade que davam unidade a seus objetos e a seus procedimentos (CHARTIER, 2002: 61).

Portanto, muitas foram às críticas subseqüentes sobre a terceira geração dos *Annales* e a 'Nova História' (COUTAU-BEGARIE, 1989). Tais críticas - efetuadas desde a década de 1960, quando ocorreu uma renovação no movimento, em relação aos seus projetos - podem ser uma das razões para a necessidade da elaboração de um relato fundador sobre a história dos *Annales*. Nesse período os combates do grupo foram mais internos, provavelmente porque não houve uma linha mestra a ser seguida como nos momentos anteriores, em função das direções centralizadoras (DOSSE, 2004). Um outro motivo está atrelado com o próprio sucesso dos *Annales* dentro e fora da França, que veio a criar a necessidade de elaboração de uma identidade comum ao grupo em

todas as suas fases: daí a denominação de diferentes *gerações*, daí também a construção da imagem de uma 'escola' de diferente processo de desenvolvimento. Ressaltava-se, nesse sentido: os grandes debates travados pelos administradores do periódico, em suas diferentes fases; as características do diálogo entre História e Ciências Sociais; os acontecimentos chave que repercutiram na reorientação e no posicionamento do grupo perante o estudo dos homens e das sociedades passadas e, enfim, a delimitação das abordagens que acompanhavam os 'novos' objetos e os 'novos' problemas, levantados a partir das próprias transformações sociais, observadas pelos 'novos' historiadores, em suas pesquisas. (Quadro - 1).

**Quadro n. 01: Distribuição das diferentes fases do movimento da *Nouvelle Histoire* francesa, representada pelos membros das diversas gerações da 'escola dos *Annales*'.**

	1929-45 – 1ª Geração	1946-68 – 2ª Geração	1968 – 1988 (?) – 3ª Geração.	1988/9 (?) – 4ª Geração.
<i>Principais representantes</i>	Lucien Febvre (1878-1956) Marc Bloch (1886-1944)	Fernand Braudel (1902-1985)	Jacques Le Goff; Marc Ferro; Emmanuel L. R. Ladurie;	Jacques Revel; André Burguière; Roger Chartier.
<i>Colaboradores</i>	H. Pirenne; M. Halbwachs; H. Hauser; P. Monbeig; A. Demogoon; etc.	E. Labrousse; P. Vilar; R. Mandrou; Ch. Mozaré; etc.	P. Nora; M. Vovelle; G. Duby; D. Roche; P. Chaunu; F. Furet; etc.	J.-C. Schmitt; F. Hartog; M. Ozouf; R. Remond; etc.
<i>Inspiradores/ Discusstões</i>	Paul V. de La Blache; Ferdinand Sausurre; Ch. Seignobos; Ch. Langlois; Emile Durkheim.	Claude Lévi-Strauss; Karl H. Marx; Maurice Dobb.	Michel Foucault; Michel De Certeau; Paul Veyne; Sigmund Freud; Jules Deleuze; Lois Althusser; Nicos Polantzaz; Philippe Ariès; Eric Hobsbawm; Paul E. Thompson; Perry Anderson; Cornelius Castoriadis; Michele Perrot.	Pierre Bourdieu; Norbert Elias; Peter Burke; Louis Marin; Hayden White; Carlo Ginzburg; Geovani Levi; R. Williams; Lynn Hunt;
<i>Acontecimentos</i>	I e II Guerra Mundiais; Crise da bolsa de valores em 1929; Questionamentos sobre as Filosofias da História;	Congressos internacionais; Inauguração de centros de pesquisa; avanços nos combates pela história; Discussões sobre as origens do Capitalismo;	Movimento estudantil de 1968; Feminismo; Homossexualismo; movimento negro e das minorias;	Queda do muro de Berlim em 1989; Fim da URSS; Globalização; Questionamentos de regimes políticos; conflitos religiosos;
<i>Propostas</i>	História-problema; História total; Interdisciplinaridade; Alargamento do campo das fontes históricas; O fato histórico como construção teórica;	Simultaneidade de tempos (curto, médio, longo); A história total é a história das civilizações?	Um tempo imóvel no social? História Total ou História Geral?	Renovação do campo político; Debate sobre o estilo do Historiador (narrativa); Revisão dos estudos biográficos;
<i>Novas Áreas</i>	História Econômica e Social; Geo-história;	História Econômica; História Quantitativa; História Demográfica; História Serial;	História das Mentalidades; História Imóvel; História Antropológica; História Oral; História do Imaginário;	Nova História Cultural; História das representações sociais; Nova História Política; Nova História Biográfica;
<i>Disciplinas Auxiliares</i>	Geografia; Sociologia; Psicologia; etc.	Economia; Geografia; Antropologia; etc.	Psicologia Social; Lingüística; Crítica Literária; etc.	
<i>Títulos do Periódico.</i>	<i>Annales</i> de História Econômica e Social (1929-43)	<i>Annales</i> . Economias, Sociedades. Civilizações (1946-93)		<i>Annales</i> . História, Ciências Sociais (1994)
<i>Fontes</i>	Documentos pessoais; Diários; Correspondências; Fontes Literárias; Censos populacionais; Fontes Oficiais; etc.	Registros Paroquiais (nascimentos, batismos, casamentos, óbitos) Registros Cartoriais (inventários, testamentos, nascimentos, casamentos, óbitos) Censos populacionais, etc.	Entrevistas Livros (historiografia) Censos populacionais; Registros paroquiais e Cartoriais; etc.	Fontes Literárias; Censos eleitorais; populacionais; Entrevistas; etc.

Fontes: DOSSE, 1994; REIS; 1994; 1999; 2000; BURKE, 1997; 2002; 1992; AGURRE ROJAS, 1999; 1995; BOUTIER & JULIA, 1998; FONTANA, 1986; HOBSBAWM, 1998; 2002; SILVA, 2001; STOJANOVICH, 1976.

Com base no quadro acima se nota, de imediato, uma contradição entre o discurso e a prática de pesquisa daquele grupo que dirigiu a revista *Annales*, depois de 1968, e que está relacionada à própria história escrita por eles sobre o movimento (que envolveu diversos grupos ao redor do periódico). Há em toda história dos *Annales* (que vai da criação do periódico até seu momento atual) uma tradição de rupturas em meio a continuidades, isto é, a substituição de discursos, de 'uma geração' sobre a outra ao se contraporem posições, mas que se desdobra dentro de um mesmo projeto, construído, principalmente, por Marc Bloch e Lucien Febvre. Ou seja, se na prática de pesquisa historiográfica dos integrantes que compunham o grupo nos anos 1960 e 1970 existia uma crítica sobre a idéia de progresso material, no relato sobre a história do movimento dos *Annales* a idéia de progresso foi adequada naquele discurso, na medida em que a história da historiografia referida por aqueles, desdobrava-se da 'escola histórica alemã' e da 'escola metódica francesa' à 'escola dos *Annales*', até vir, enfim, culminar com a 'Nova História' francesa dos anos 60 (SILVA, 2001).

Por outro lado, quando se volta ao período inicial da revista, entre as décadas de 1930 e 40, nota-se (no pouco que é ainda conhecido da correspondência entre Lucien Febvre e Marc Bloch) não uma afinidade total entre os editores e outros membros do grupo, mas uma grande diversidade de pensamentos. Não menos controversas foram as relações travadas entre Fernand Braudel e outros intelectuais colaboradores e críticos do movimento, no período posterior a Segunda Guerra Mundial, bastando para tanto, apenas como um exemplo entre outros possíveis, se verificar o clima amistoso entre Braudel e Robert Mandrou depois da morte de Lucien Febvre, em 1956, no setor administrativo do periódico; ou ainda entre os debates públicos de Braudel com Claude Lévi-Strauss.

Enfim, ainda existe a sobreposição de uma representação construída sobre o grupo, aos fatos 'vividros' por aqueles que administraram o periódico em suas primeiras fases. A tal ponto, que se passou a lembrar de Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel e dos *Annales* daquele momento, a partir das obras escritas como uma referência aos pioneiros e como uma forma de justificar as posições ulteriores do periódico. Portanto, as obras que compuseram o relato 'oficial' sobre os *Annales* e que são a representação de eventos e circunstâncias históricas precisas, atingiram um consenso relativo abrangente a ponto de suplantar àqueles fatos precisos. Evidentemente existe a representação, mas não se pode esquecer as circunstâncias

históricas que lhe deram origem. Por que a representação silenciou a história da qual ela se originou? Porque a história é escrita segundo relações de força retórica e poder de ação (GINZBURG, 2002), e o poder emanado por aqueles que falam de determinados lugares sociais, e que, portanto, são reconhecidos por seus pares, se torna não apenas o discurso 'oficial', mas também, a própria história existente daquelas circunstâncias e eventos do passado (CHAUVEAU & TÉTARD, 1999).

Alinha-se, desse modo, a idéia de 'escola' nos *Annales*, não apenas, uma correspondência direta ao periódico criado em 1929, mas também, imagens, em torno das quais, construiu-se sobre a direção da VI seção da Escola Prática de Autos Estudos que estaria, desde, pelo menos, a década de 1940, envolvida sobre uma perspectiva interdisciplinar, e, portanto, sendo um canal e um veículo de circulação das idéias desenvolvidas no interior do grupo, em cada uma de suas diferentes fases<sup>3</sup>.

Todavia, se as circunstâncias históricas viabilizam o aparecimento de formas de se escrever a história, ao mesmo tempo em que se questionava formas anteriores, deve-se notar, que por traz dos procedimentos de pesquisa anunciados como inovadores, existia todo um projeto político, que não apenas procurava camuflar as contribuições de projetos historiográficos anteriores, mas, muitas vezes, reduzir outras inovações que ocorriam de modo simultâneo em outros países (DOSSE, 2003, 2004), na tentativa de criar uma hegemonia nacional e internacional, no campo historiográfico.

Portanto, a história sobre o movimento dos *Annales* até agora conhecida foi à história construída a partir daquele discurso historiográfico que se tornou hegemônico no interior do grupo, na década de 1960, e que coexiste junto a uma história ainda pouco

<sup>3</sup> Segundo Josep Fontana: "A escola dos *Annales* teve uma função renovadora importante nos anos que se seguiram a Segunda Guerra Mundial. A viragem que Lucien Febvre havia realizado para facilitar a sobrevivência da revista nos tempos da ocupação alemã a preparou para entrar no mundo do pós-guerra como uma opção que tinha um prestígio progressista, mas que havia eliminado claramente as marcas do marxismo. Foi a partir do momento do seu acesso ao 'poder' na seção VI da École Pratique des Hautes Études que os homens dos *Annales*, dirigidos por Lucien Febvre, encontraram, desde 1947, um instrumento de projeção, nos cursos que contaram com a participação de Febvre, Labrousse, Braudel, Leroi-Gourhan, Lévi-Strauss, Raymond Aron, Barthes, Bourdieu, Derrida, Le Goff, Taton, Pierre Vilar... Ernest Labrousse, com seu propósito de combinar o estudo das estruturas e das conjunturas, e Fernand Braudel, com seu modelo de encadeamento de ritmos temporais distintos, deram à escola a base teórica para o cultivo de uma história social adequada às demandas do momento, cujo efeito foi plenamente aceitável nos anos da guerra fria, durante os quais pôde ser vista como uma substituta do marxismo" (FONTANA, 1998: 8-9).

conhecida sobre os *Annales*<sup>4</sup>. Pois, esta só virá a ser escrita na medida em que o período de *memória coletiva*<sup>5</sup> que ainda cerca o grupo se dissipar. Porque torna a escrita da história ainda emotiva e comprometida com certas posições, por parte, essencialmente, dos membros ainda vivos da 'terceira geração' e que, em alguns casos, continuam a ocupar cargos administrativos importantes no periódico e na VI seção da Escola Prática de Autos Estudos em Ciências Sociais. E mais, daí então, com a publicação de artigos, manuscritos e correspondências trocadas entre os membros que compunham o movimento nas suas primeiras fases, será viável a elaboração de outros relatos sobre a história dos *Annales*, e que procurem, além de complementar os existentes, dar uma melhor compreensão sobre a história do grupo em todas as suas fases, demonstrando os pontos convergentes e os distanciamentos, entre a 'história vivida' pelas pessoas que fizeram parte do movimento, nas duas primeiras 'gerações', junto à 'terceira geração' que passou a escrever a 'história conhecimento' a respeito dos *Annales*.

---

<sup>4</sup>De acordo com a tese de Paul Veyne (1998) - em *Como se escreve a história* - segundo a qual não existe a 'História', mas sempre 'histórias de...', ou seja, quando aquele autor se pergunta: o que é a história, segundo a construção do discurso do historiador, que seleciona não tudo o que ocorreu no passado, mas os fragmentos que dele restou e pôde consultar, portanto, a história escrita pelo historiador não é a 'História', 'que só poderia ser escrita por Deus', mas simplesmente, histórias possíveis, isto é, 'histórias de...!'

<sup>5</sup>Para Maurice Halbwachs (1990), a memória coletiva resulta de um quadro histórico de uma época. É uma construção social que dá sentido a identidade de um grupo de pessoas, que ao mesmo tempo estão limitadas as circunstâncias sociais de sua época, e por isso entendem aquela história rememorada como 'real'; sendo esses atores sociais resultados e resultantes daquela atmosfera psicológica que construiu suas personalidades individuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIRRE ROJAS, Carlos A. *La escuela de los Annales: ayer, hoy, mañana*. Barcelona: Montesinos, 1999.
- \_\_\_\_\_. El legado de los Annales Braudelianos: 1956-1968. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, 3: 17-42, 1995.
- ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento. A geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BÉRIDA, F. (org.) *L'Histoire et le métier d'historien en France, 1945-1995*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'homme, 1995.
- BOURDÉ, Guy & MARTIN, Harvé. *As escolas históricas*. Portugal: Publicações Europa/América, 1983.
- BOUTIER, J. & JULIA, D. (org.) *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Tradução de Marcella Mortara e Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1998.
- BRAUDEL, Fernand. *Reflexões sobre a história*. Tradução de E. Brandão - 2ª edição - São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. Editorial. Os Annales continuam. *Revista Annales. Economia, Sociedade, Civilizações*. Paris - França, jan/mar. 1957, pp. 1-3.
- BURGUIÈRE, A. Escola dos Annales. In: Idem (org.) *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1993, pp. 49-55.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales, 1929-1989. A revolução francesa da historiografia*. Tradução de Nilo Odalia - 4ª reimpressão - São Paulo: Edunesp, 1997.
- \_\_\_\_\_. (org.) *A escrita da história. Novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes - 4ª reimpressão - São Paulo: Edunesp, 1992.
- \_\_\_\_\_. *História e teoria social*. Tradução de Klaus Brandini Gerhard & Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Edunesp, 2002.
- CAIRE-JABINET, M-P *Introdução à historiografia*. São Paulo: Edusc, 2003.
- CARDOSO, C. F. & VAINFAS, R. (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. - 1ª reimpressão - Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia. A história entre certezas e inquietudes*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- COUTAU-BEGARIE, H. *Le Phénomène Nouvelle Histoire: grandeur et décadence de l'école des Annales*. Paris: Econômica, 1989.
- CHAUVEAU, A. & TÉTARD, Ph. (org.) *Questões para a história do presente*. São Paulo: Edusc, 1999.
- DAHER, A. Entrevista com Jacques Revel. *Topoi. Revista de História*. Rio de Janeiro/UFRJ, 2: 197-215, março/2001.
- D'ALÉSSIO, Márcia M. Os Annales no Brasil. Algumas reflexões. *Revista Anos 90*, Porto Alegre, 2: 127-142, 1994.
- D'ALÉSSIO, M. M. Pierre Vilar (entrevista). In: Idem. *Reflexões sobre o saber histórico*. São Paulo: Edunesp, 1998.

- DOSSE, François. *A história em migalhas. Dos Annales à Nova História*. Tradução de Dulce A. Silva Ramos - 2ª reimpressão - São Paulo: Ensaio; Campinas: Edunicamp, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A história à prova do tempo. Da história em migalhas ao resgate do sentido*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Edunesp, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O império dos sentidos*. São Paulo: Edusc, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A História*. São Paulo: Edusc, 2004.
- FERRY, L. & RENAUT, A. *Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo*. Tradução de Roberto Markenson & Nelci do Nascimento Gonçalves. São Paulo: Ed. Ensaio, 1988.
- FONTANA, Josef. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru - São Paulo: Edusc, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Ascenso y decadência de la escuela de los Annales*. Madri: Akal, 1986.
- GINZBURG, C. *Relações de Força. História, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GURIEVITCH, Aaron. *A síntese histórica e a escola dos Anais*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, T. (org.) *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante - 2ª edição - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre história: ensaios*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Tempos interessantes. Uma vida no século XX*. Tradução de S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HUNT, Lynn (org.) *A nova História Cultural*. Tradução de Jefferson Luis Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- IGGERS, G. (org.) *New directions in European Historiography*. London: Methuen, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão (et. al.) - 4ª edição - Campinas: Edunicamp, 1996.
- \_\_\_\_\_. O desejo pela História. In: NORA, P. (org.) *Ensaio de Ego-História*. Trad. Ana C. Cunha. Portugal: Edições 70, 1989, pp. 171-236.
- LE GOFF, J. & NORA, P. (org.) *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: José Olympio Editor, 1976.
- LOPES, Marcos Antônio. *Para ler os clássicos do pensamento político*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.
- MOTA, C. G. (organizador da coletânea) *Lucien Febvre (História)*. Tradução de Alberto Mansor, Paulo Salles Oliveira e Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Ática, 1978.
- NORA, Pierre (org.) *Ensaio de ego-história*. Tradução de Ana C. Cunha. Portugal: Edições 70, 1989.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história. Nove entrevistas*. São Paulo: Edunesp, 2000.

- REIS, José Carlos. *História e Teoria. Historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Nouvelle Histoire e tempo histórico. A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Annales: a renovação da história*. Belo Horizonte: Ed. Ufop, 1996.
- \_\_\_\_\_. *A História: entre a filosofia e a ciência - 2ª edição* - São Paulo: Ática, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Escola dos Annales. A inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- REVEL, Jacques. História e Ciências Sociais: os paradigmas dos *Annales*. In: Idem. *A invenção da sociedade*. Tradução de Vanda Anastácio. Rio de Janeiro: Difel, s/d., pp. 13-41.
- SILVA, Rogério Forastieri da. *História da historiografia*. Bauru: Edusc, 2001.
- STOJANOVICH, T. *French historical method: the Annales paradigm*. Itaca: Cornell Univer. Press, 1976.
- TÉTART, P. *Pequena história dos historiadores*. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru: Edusc, 2000.
- WALLERSTAIN, I. (et. al.) *Para abrir as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 1996.
- VAINFAS, R. *Os protagonistas anônimos da História. Micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Brasília: Ed. UNB, 1998.
- VIEIRA, Rosângela de Lima. *Fernand Braudel: reconstrução historiográfica do capitalismo*. Assis, 2002. Tese de doutorado em História, FCL/UNESP, Assis.

